

## **Construir um programa e uma estratégia para o novo ciclo na esquerda brasileira" - Insurgência e independentes**

### **CONJUNTURA POLÍTICA**

1 - Há décadas em que nada acontece, mas há semanas em que décadas acontecem. Os eventos políticos dos últimos anos no Brasil remetem a essa frase do 'velho' e atualíssimo Lênin: golpe parlamentar, delações premiadas revelando milionários esquemas de corrupção envolvendo os maiores partidos e as maiores empresas do país, desemprego em níveis alarmantes, gravações de megaempresário com presidente golpista, greve geral, imposição de reformas regressivas para a classe trabalhadora, etc. Tais acontecimentos evidenciam que o país vive uma combinação de crises: econômica, social, ambiental e dos mecanismos de representação políticas.

2 - Estas crises são agravadas pelos fortes sinais de esgotamento do ciclo petista que tocou o país nos últimos 13 anos, pelos duros ataques do golpista Michel Temer à classe trabalhadora, intensificados pelos inúmeros escândalos de corrupção do novo velho governo. Quase 1 a cada 3 ministros do atual governo estão investigados pela Lava Jato, ex-assessores presidenciais estão presos e o próprio golpista Temer foi gravado pelo empresário Joesley Batista, em um escândalo que ainda ameaça a continuidade do seu governo.

3 - O ano de 2016 estabeleceu um importante divisor de águas no país e no movimento de massas: o golpe parlamentar institucional que encerrou o segundo mandato de Dilma e interrompeu o ciclo de 13 anos de governos petistas. O golpe foi expressão, em primeiro lugar, de uma relação de forças, na qual a direita ganhou a disputa de rua com mobilizações reacionárias de massas a partir de 2015, capitalizando o desgaste do governo Dilma, mas se apoiando quase exclusivamente nas bandeiras anti-corrupção e em pautas reacionárias e anti-sociais; em segundo lugar pelo realinhamento do capital financeiro e setores burgueses mais afetados pela crise que optaram por apoiar a substituição do governo Dilma para poder ir a uma ofensiva mais direta, de reordenamento neoliberal do Estado e de ataques aos direitos da classe trabalhadora, da juventude, mulheres, da negritude, da comunidade LGBTQs,

de imigrantes, de povos indígenas, ciganos, quilombolas. Este cálculo se explica porque o governo de conciliação de classes conduzido pelo PT, em que pese a montanha de concessões feitas para o capital que marcaram seus governos, foi visto como não portando mais o peso político e social para impor reformas com a profundidade que o capital exige nesta conjuntura (ainda de grave crise econômica e incertezas no cenário internacional).

4 - Nesse contexto difícil, o PSOL acertou na política geral ao colocar como sua pauta principal a denúncia do golpe sem abrir mão da crítica à responsabilidade dos governos lulopetistas no processo, devido aos enormes retrocessos sociais que este vem trazendo ao nosso país, e tivemos uma atuação parlamentar exemplar. No movimento de rua, buscou a mais ampla unidade de ação com todos os setores que estavam contra o golpe e as reformas propostas pelo governo Temer, reflexo de outra política acertada que foi a construção da Frente Povo Sem Medo, uma articulação de movimentos sociais, sindicais e de partidos políticos, cuja atuação foi e tem sido central na conjuntura.

5 - Além disso, acreditamos que o PSOL segue acertando politicamente após mais de um ano de governo Temer, a partir da luta prioritária contra as reformas trabalhista e da previdência e a pelas “Diretas Já!”. Acreditamos que a principal fórmula para desestabilizar o governo Temer se dá através da luta nas ruas, a partir das greves gerais e mobilizações que estão acontecendo no país e precisamos urgentemente fortalecer ainda mais este método de reivindicação, porém também acreditamos que é necessário casar esta forma de luta com uma proposta política mais global para o futuro do país e a luta por “Diretas Já!” pode nos colocar em outro patamar na construção de um Brasil socialista, pois nos permite debater com a população uma resposta global à crise.

6- Vale ressaltar que as medidas propostas comandadas pelo poder legislativo e agora assumidas por Temer e sua base aliada têm como principais impactados as mulheres, a negritude e a população LGBT. Medidas que visam flexibilizar as leis trabalhistas e dificultar o acesso a aposentadoria, por exemplo, e as grandes chacinas e extermínios que ocorrem nas periferias das grandes cidades colocam em maior vulnerabilidade

social estes setores que compõem a camada mais precarizada da nossa classe trabalhadora. Para nós, mais do que nunca, em tempos de crise civilizacional, está demonstrado como as relações sociais de gênero, de classe, raça e sexualidade determinam umas às outras e todas elas são permeadas pela tríade opressão-dominância-exploração. Por isso, as lutas e resistências destes setores são centrais e é essencial que o PSOL fortaleça todas as suas movimentações e lutas.

7- Como já ressaltado, acreditamos que a derrota do governo Temer e a possibilidade de barrar os ataques à classe trabalhadora em curso se dará na construção de amplas frentes de unidade de ação, que se movam em cima de consignas como “Fora Temer”; “Diretas já” e “Contra a reforma da Previdência e Trabalhista”. Compreendemos que ações do poder judiciário podem vir a desgastar o governo, porém não podemos terceirizar para este poder – tão elitista, racista e corrupto quanto os outros - as tarefas que devem ser feitas pelo conjunto da classe trabalhadora em movimento, ainda mais quando usam de métodos anti-democráticos e regressivos para garantir sua atuação “messiânica” de combate à corrupção a qualquer custo.

8- Em complemento a esta tática de frente única (construção da Frente Povo Sem Medo), acreditamos que temos que colocar o nosso partido enquanto alternativa na sociedade e, para isso, é fundamental formularmos um programa radicalmente socialista e democrático para o nosso país e apresentá-lo de forma independente ou em conjunto com outros partidos de esquerda (PSTU e PCB) e movimentos sociais nas eleições, um programa que faça duras críticas aos limites da política de conciliação de classes feita pelo PT para a superação da desigualdade social que assola o país. Mesmo considerando que os demais partidos da esquerda brasileira - principalmente o PSTU - erraram na caracterização sobre a gravidade da situação política nacional para a classe trabalhadora, cremos que ainda necessitamos trabalhar para revertermos a fragmentação da esquerda brasileira.

#### **Em SP, é preciso intensificar a resistência à ofensiva Tucana**

9- O Estado de São Paulo vive uma conjuntura política parecida com a nacional. O governador Geraldo Alckmin, cortou o orçamento em áreas vitais como saúde e

educação e aparece na lista da empreiteira Odebrecht como o “Santo”. O ex-presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, Fernando Capez, aparece como beneficiário de um esquema de corrupção envolvendo a merenda das escolas estaduais. As medidas repressivas, por outro lado, se intensificam a ponto da polícia militar ter matado 60 pessoas até março deste ano. Nesse mesmo período foram registrados 50 homicídios praticados por pessoas comuns, não agentes do Estado, que também é responsável por 35% dos encarceramentos no país (que hoje conta com mais de 600 mil pessoas presas, para além das 200 mil em prisão domiciliar), sendo quase a metade de presos provisórios e apresentando um crescimento vertiginoso de mulheres em situação de prisão.

10 - Além do aumento da população carcerária no país, há um elevado número de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, alguns por meio de internação nas Fundações Casa, outros em meio aberto. Os adolescentes que cumprem medida em meio aberto são referenciados em serviços do Município - geralmente através de ONGs - que recebem verbas da prefeitura para suas atividades. No atual governo Dória, as verbas destinadas aos Serviços de Medidas Socioeducativas estão sendo diminuídas e equipamentos estão sendo fechados. Fato este que impede o trabalho bem elaborado e negligencia o dever do Estado com as crianças e adolescentes em processo de ressocialização.

O Serviço de Medida Socioeducativa em Meio Aberto realiza o acompanhamento do cumprimento das medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviço a Comunidade, que se fundamenta no atendimento especializado, na escuta qualificada, no acompanhamento dos adolescentes e de suas famílias de forma integrada aos demais serviços socioassistenciais e às políticas setoriais de educação, saúde, trabalho, cultura, esporte e lazer. A garantia do acesso aos serviços e a ação integrada entre as políticas setoriais são imprescindíveis para a concretização dos objetivos das medidas socioeducativas e para a ampliação da proteção social ao adolescente e sua família. E na gestão Dória temos retrocedido nessas garantias de direitos, por conta da falta de investimentos da rede socioassistencial.

Dado impressionante da Fundação Seade do mês de março deste ano aponta que "Pouco mais da metade das mulheres com 10 anos e mais na Região Metropolitana de

São Paulo - RMSM participam do mercado de trabalho, como ocupadas ou desempregadas [mais de um ano sem trabalho]". Também segundo a Seade, entre 2015 e 2016 a taxa de desemprego das mulheres cresceu mais que a dos homens (o que significa mais mulheres em trabalho precário e informal). Elas passaram de 14,3% das desempregadas há dois anos para 18,3% em 2016, enquanto entre os homens a taxa passou de 12,2 para 15,5% (a maior desde 2005).

O rendimento médio real por hora trabalhada no Estado também diminuiu pelo segundo ano consecutivo (R\$ 10,42 para mulheres e R\$ 12,39 para homens), o que significa que as mulheres recebem em média 84,1% dos homens. No caso das mulheres negras elas chegam a receber até 60% menos que homens brancos. Importante ressaltar que Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados é vinculada ao governo do Estado.

E na crise, o desemprego cresce mais entre elas.

Ainda segundo a Seade, "Embora a participação de negros no total de ocupados tenha se ampliado de 37,9%, em 2014, para 40,0%, em 2015, cresceu com mais intensidade sua participação no total de desempregados (de 42,6% para 46,3%). Em contraposição, o rendimento médio real por hora dos negros diminuiu 2,2%, nesse período, e o dos não negros decresceu 8,0%, fazendo com que o rendimento médio por hora dos negros (R\$ 9,39) passasse a corresponder a 67,7% daquele recebido por não negros (R\$ 13,88), porcentagem que era de 63,7% em 2014 e que chegou a equivaler a 54,6%, em 2002".

Na Capital, segundo estudo da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento de março deste ano, a parcela dos jovens que não estudam nem trabalham chegou a 540 mil (aproximadamente 20% do total). E quase um terço dos idosos (27,3%) com mais de 60 ainda são obrigados a se manter no mercado de trabalho. "As mulheres representam 60% deste grupo, condição possivelmente relacionada à permanência de muitas jovens em papéis tradicionais de esposa e mãe, abdicando à escolarização e à vida profissional. Evidenciou-se também a desigualdade social como um fator determinante no acesso ao ensino e ao emprego, dado que as regiões mais periféricas e com piores indicadores de renda domiciliar apresentam também as menores taxas de escolarização e de inserção no mercado de trabalho", destaca o estudo População Jovem da Cidade de São Paulo, divulgado em março deste ano.

Os números evidenciam os impactos desastrosos que medidas como o congelamento por 20 anos das verbas do SUS (EC-95), da lei de terceirizações e da reforma trabalhista recém aprovadas podem vir a gerar para a população paulista. Se a reforma previdenciária também for aprovada estamos falando da preparação de um barril de pólvora social.

11 - Mulheres transexuais e travestis e homens trans são historicamente excluídas(os) de espaços de direitos. Frente a essa realidade, em 2012 a Prefeitura de São Paulo começou a traçar planos de governo, desenvolvendo ações permanentes de combate à homofobia e respeito à diversidade sexual. Assim, foi criado o programa específico para mulheres transexuais e travestis e homens trans, o Transcidadania, política pública inédita para esta população. Apesar de seus problemas de origem (como a segmentação de formação profissional apenas em áreas mais precarizadas da economia) a garantia de direitos da população T. é mais um dos pontos que vem sofrendo negligência e retrocesso na atual gestão do Prefeito João Dória. Tanto para os novos casos que solicitam inclusão, como pela continuidade da população que já recebe o benefício. A falta de amparo à essas pessoas faz com que estas permaneçam na condição marginalizada que historicamente já se encontram, bem como, dá margem para que muitas vezes voltem para a situação de rua e uso de drogas por não terem a assistência necessária e devida. Por isso, consideramos que o Projeto de Lei 225/2017, que estabelece cotas no mercado de trabalho para a população T. e que foi apresentado durante o exercício do mandato pela companheira Isa Penna após diálogos com militantes trans e subscrito e por Toninho, é uma ferramenta que o partido deve lutar para ver aprovada.

A violência contra as mulheres em geral – cis ou trans – é outra chaga paulista que o partido precisa colocar entre as suas prioridades de combate. Dados da Secretaria de Segurança Pública apontam que os registros de estupros cresceram 22,3% na capital e 38% no Estado entre maio de 2015 e maio de 2016. Um estupro de vulnerável é registrado a cada 5 horas. E a cada dois dias ocorre um feminicídio.

No entanto, o Estado tem apenas 130 delegacias da mulher (uma para cerca de 46 mil mulheres) que só funcionam de segunda a sexta-feira em horário comercial. Apenas uma única delegacia da mulher funciona 24 horas por dia, no Centro da Capital, e

ainda não cumpre as normas técnicas para atendimento às vítimas de violência de gênero, por exemplo, transferindo a delegacias comuns os inquéritos que não envolvem violência doméstica.

A defesa da abertura de todas as delegacias 24 horas/dia deve ser uma política do conjunto do partido, e não só das mulheres. Mas além do aparato repressivo, o PSOL deve ter como sua marca a cobrança de políticas públicas efetivas de prevenção à violência (desde a educação, passando por campanhas de conscientização, combate a projetos que visam suprimir o debate sobre as desigualdades de gênero nas escolas), bem como que o atendimento seja assegurado sem discriminação a mulheres cis, trans e travestis, mulheres indígenas e negras.

12- O mundo passa hoje por uma crise ambiental sem precedentes que ameaça a própria civilização. Em São Paulo as consequências ficam claras nos últimos anos com a crise hídrica que foi a expressão do descaso de décadas de falta de investimentos do estado na infraestrutura, na manutenção de equipamentos, no planejamento, na própria falência atual do modelo de mega-obras via parcerias público-privada. O estado também é um centro importante para o agronegócio o que concretamente significa desmatamento e uso intensivo de agrotóxico.

13- São Paulo também é um dos centros políticos que dinamizam a política nacional. As jornadas de junho de 2013 tiveram seu estopim a partir da repressão de uma manifestação contra o aumento da passagem em São Paulo. Em 2015, os secundaristas ocuparam as ruas e as escolas e impuseram uma estrondosa derrota para Alckmin. Mecanismo de luta esse que um ano depois foi usado em larga escala por estudantes em todo o país. Durante o golpe, as ruas foram tomadas por milhares de pessoas a favor e contra o impeachment. Atualmente é o palco de grandiosas manifestações contra as reformas, o governo Michel Temer e por Diretas Já!

14- Dentro desse contexto de ataques e de movimentação rápida e intensa da conjuntura, inclusive em nosso Estado, é necessário reconstruir um novo bloco histórico e espaços de unidade que sejam capazes de vertebrar um novo projeto para o país com a criação de instrumentos e ferramentas unitárias. O PSOL em São Paulo

acerta ao construir a Frente Povo sem Medo e o partido deve intensificar sua atuação na Frente, buscando enraizar atuações em bairros e cidades do estado através dos “territórios sem medo”.

15- É necessário, entretanto, refletir que o PSOL nasceu como partido de oposição de esquerda programática ao petismo, levantando os elementos que levariam a falência do projeto do PT enquanto projeto transformador. Mesmo que a reflexão acima ainda precise ser feita com mais profundidade, algumas coisas podemos afirmar: o PSOL deve defender a frente única para ação e iniciativas nos movimentos sociais com os ex-governistas e seus instrumentos - como foi o caso evidente da greve geral -, mas não é a favor e não deve participar de uma frente única política em torno de um programa para disputar o processo eleitoral em aliança com estes setores em sua estratégia de conciliação de classes. Nossa política de alianças não pode passar por setores da classe dominante e partidos que não representem um projeto de ruptura sistêmica.

16- A correta postura parlamentar e a acertada construção da Frente Povo Sem Medo credenciam o PSOL a se tornar uma alternativa política que vise superar os vícios e problemas do petismo e faça o necessário combate a direita brasileira, atuando em unidade com os movimentos sociais sem aparelha-los. Para estar à altura desse desafio, no entanto, o partido precisa superar alguns problemas, enraizar-se socialmente e fortalecer seu programa políticos. É necessário que o partido debata esses temas em seu congresso e abaixo realizamos alguns apontamentos e sugestões para o debate político.

17 - Além disso, é necessário que o diretório municipal do PSOL São Paulo sistematize e socialize a experiência do que vem sendo o “modo Doria” de governar, que representa uma simbiose entre o capital privado e o Estado, sem mediações mesmo que formais como nas gestões anteriores. Está crescente em nosso país a visão de pessoas de fora do jogo político tradicional, na maioria das vezes multimilionários, que aparecem como “salvadores da nação”, porém seguem fazendo os esquemas políticos que sempre contribuíram para o aprofundamento das desigualdades sociais e a corrupção no país, como a destruição e sucateamento dos bens públicos e as relações escusas com a iniciativa privada. É preciso estreitarmos laços com os movimentos que



estão na linha de frente na luta contra o prefeito Dória, como a frente contra o descongelamento da cultura e o movimento contra a higienismo na cracolândia, por exemplo, para trocarmos experiências e construirmos uma frente única com movimentos sociais da cidade.

## **PARTIDO - OBJETIVOS E CONSTRUÇÃO**

1. Lutamos para fortalecer e construir o PSOL como principal ferramenta partidária da reorganização da esquerda brasileira.

2. Lutamos para que o PSOL se consolide como partido independente, anticapitalista e socialista e colado nas lutas sociais de todas as camadas dos explorados e oprimidos do povo brasileiro.

4. Afirmar o PSOL como partido das lutas sociais das pessoas trabalhadoras, sem-terra, sem-teto, indígenas; como partido porta-voz das pautas de opressões, sendo profundamente anti-racista, feminista, anti-homofóbico, anti-transfóbico. O PSOL também precisa ser o partido dos imigrantes, dos bolivianos, nigerianos, coreanos, haitianos. Ademais, acreditamos que a luta socialista no século XXI só pode sê-la se for ecossocialista e, por isso, em seu programa político e suas lutas precisa incorporar o também central conflito capital-natureza.

5. Afirmar o PSOL como partido independente de qualquer financiamento empresarial e que, em coerência, defenda essa concepção também para os movimentos sociais e populares, posicionando-se contrário a qualquer financiamento empresarial para as iniciativas animadas pelo partido.

6. Afirmar o PSOL como um partido de oposição de esquerda aos projetos do PSDB e do PT para o país, defendendo que em todas as eleições apresentemos nosso programa em um arco de aliança no máximo restrito aos demais partidos de esquerda (PCB e PSTU) e movimentos sociais parceiros ou organizações políticas não legalizadas enquanto partidos, em especial aos movimentos sociais que compõem a Frente Povo Sem Medo e aos de combate ao machismo, racismo e LGBTfobia.

## **PARTIDO, DEMOCRACIA E FUNCIONAMENTO**

1. Lutar para que o PSOL se consolide como partido de militantes, plural e democrático em todas as suas instâncias nacionais, regionais e setoriais, onde se respeite a autonomia das setoriais e instâncias regionais, desde que não estejam em conflito com resoluções programáticas e conferências do partido. Um partido sem intervenções burocráticas, sem mais dois pesos e duas medidas.

2. A partir da conjuntura atual, da necessidade de afirmar o partido como instrumento partidário principal da reorganização da esquerda brasileira, é preciso um ambiente interno unitário, plural e democrático de funcionamento. É preciso dar outra dinâmica do funcionamento do partido no sentido de ser orgânico, compartilhado e dinâmico.

3. O leque de propostas para mudar a estrutura atual de funcionamento do PSOL São Paulo, buscando fazê-lo mais vivo, ativo e militante, que apresentamos são as seguintes:

-- Obrigatoriedade de Diretórios Estaduais trimestrais; obrigatoriedade de executivas estaduais quinzenais;

-- Obrigatoriedade de plenárias bimestrais de base (municipal, regional ou barrial, a critério dos diretórios),

-- Obrigatoriedade de funcionamento regular das instâncias das setoriais nos mesmos moldes das instâncias nacionais e estaduais e com apoio material da direção do partido.

-- Gestão compartilhada dos fundos setoriais (não sejam controlados por um grupo eventual majoritário ou as tesourarias nacional/estaduais) e do fundo partidário como um todo, com prestação de contas periódicas;

-- Política concreta de construção de núcleos do partido nos bairros, com reuniões periódicas entre a direção do partido e os núcleos

-- Proibir possibilidade de intervenção dos diretórios nas setoriais de combate a opressão, assegurando que tenham autonomia política e organizativa nos marcos do programa e resoluções do partido;

-- Assegurar o cumprimento da resolução do 5º Congresso do PSOL que aprovou além da destinação de 5% das verbas oriundas do fundo partidário para a formação e incentivo à participação das mulheres como lideranças partidárias, também a destinação inicial de 2,5% chegando ao patamar de 5% para negras e negros como política de enfrentamento ao racismo institucional e estrutural. Somente com investimento real as setoriais do partido terão condição de avançar na sua auto-organização e na formulação política para os setores mais superexplorados e oprimidos da classe trabalhadora.

-- Estabelecer que os parlamentares têm que participar regularmente das instâncias dirigentes do partido;

-- Coletivização efetiva dos mandatos conquistados pelo partido. Apoiar-se em experiências com as dos mandatos de Renato Roseno, de Toninho Vespoli (que avançaram na experiência de abrir mão de um mandato/salário por um período para outros setores do partido) e de diversos outros parlamentares Brasil a fora que colocam seu mandato a serviço da construção do PSOL e não apenas da suta tendência, respeitando a diversidade partidária.

-- A Executiva Estadual deve se debruçar em apresentar um plano de formação estadual indo às cidades, organizando ciclos locais ou regionais a luz de experiências como a RJ, onde a executiva municipal organiza formações por núcleos nas regiões de tais núcleos.

-- Os núcleos não devem ser apenas espaços para articulação de mandatos ou disputas internas em anos de congresso, mas devem se construir como experiências de organização real da militância para intervir nos seus territórios, locais de trabalho ou estudo, a fim de ampliar a inserção do partido junto à população trabalhadora e jovem, explorada e oprimida.

## **Assinaturas**

Adler Oliveira - São Paulo

Alessandro Rodrigues Chaves - Osasco

Alexandre Braga da Costa - São Bernardo do Campo

Amanda Camargo - Campinas

Amanda Marcatti - São Paulo

Ana Luiza Bonametti - Osasco

Ana Rosa Caldeira - São Paulo

André Aparecido Bernardo - São Paulo

André Cristi - São Paulo

André Lima "Zóio" - São Paulo

Andrea Carbone - São Paulo

Antonio Erick Gomes da Silva "Ovelha" - São Paulo

Áquilas Mendes - São Paulo

Arlindo Rodrigues - São Paulo

Augusto Malaman - São Paulo

Bárbara Giovenardi - São Paulo

Beto Bannwart - São Paulo

Bruno Novaes - Araraquara

Bruno Sales R. Matos - São Paulo

Bruno Tomas Tanganelli "Purê" - São Paulo

Caio Zinet "Rubinho" - São Paulo

Camila Reis - São Paulo

Camila Souza - São Paulo

Carla Benitez - São Paulo

Carlos de Nicola - São Paulo

Cássio Lavorato - São Paulo

Celso Lavorato - São Paulo

César Cordaro - São Paulo

Daniel Avelar - São Paulo

Daniel Santarém - São Bernardo do Campo

Danielle Pires - Campinas  
Danilo Fernandes - Campinas  
Débora Prado - São Paulo  
Deborah Cavalcanti - São Paulo  
Éder Gomes - São Paulo  
Éder Novais - Carapicuíba  
Elane Cruz - São Paulo  
Élice Botelho - Piracicaba  
Elisa de Carvalho Esposito - São Paulo  
Elizete da Silva - São Paulo  
Elvis Camargo - São Paulo  
Evelin Fomin - São Paulo  
Fábio Nassif de Souza - São Paulo  
Felipe Eduardo - São Carlos  
Felipe Bruner Moda - São Paulo  
Felix Sanches - São Paulo  
Fernanda Azevedo - São Paulo  
Fernanda Correia - Santo André  
Fernando Ferraz - Carapicuíba  
Fernando Silva (Tostão) - São Paulo  
Flavio Oliveira Bezerra - Osasco  
Filipe Vieira Rosa - Carapicuíba  
Franklin Siqueira - São Paulo  
Gabriela Freller - São Paulo  
Genaro Ribas D'Ávila Montone - Campinas  
Giovanna Marchetti - São Paulo  
Giulliane de Almeida Brandão - Campinas  
Guilherme Pimentel de Souza - Carapicuíba  
Guilherme P. Monaco "Guile" - São Paulo  
Gustavo Belisário "Pepê" - Campinas  
Gustavo Seferian Scheffer Machado - São Paulo  
Helton "Bastos" Saragor - Osasco

Hesdrans Gomes da Silva "Titio" - São Paulo  
Ian Douglas - São Paulo  
Isadora Penna - São Paulo  
Izadora Feldner - São Paulo  
Jaqueline Ribeiro - São Paulo  
Jairo Giovenardi - São Paulo  
João Claudio Loureiro - São Paulo  
José Corrêa Leite - São Paulo  
José Damião Trindade - São Paulo  
José Ricardo Galdini - Osasco  
José Roberto Rodrigues dos Santos - Itapetininga  
Júlia Forbes - São Paulo  
Julia "Flor" Chamis - São Paulo  
Junia Gouvea - São Paulo  
Juliana Maria Parini - Osasco  
Laura Calderazzo - São Paulo  
Lenon Farias - São Paulo  
Leticia "Lua" Bispo - São Paulo  
Leonardo Arouca - São Paulo  
Leonardo Pereira de Andrade Fernandes - São Paulo  
Lucas Arean - São Paulo  
Lucas Caprio dos Santos - São Paulo  
Lucas Coutinho - Rio Claro  
Lucas Dinis - Santo André  
Lucas Garcia dos Santos - Guarulhos  
Lucas Marcondes Oliveira - São Paulo  
Lucas Poli "Bauru" - São Paulo  
Lucas Rossi "Valesca" - São Paulo  
Lucas Ruiz - São Paulo  
Lucas Zinet - Santo André  
Luciana Araújo - São Paulo  
Luciano Loyola - São Paulo

Luka Franca - São Paulo  
Luís André Lisque - Marília  
Luis Antonio Villaça - São Paulo  
Luís Miazawa - São Paulo  
Luis Muller Souza de Faria "Biula" - Campinas  
Marcelo de Oliveira Ferreira - Osasco  
Marcelo Martins - São Paulo  
Marcio Reis Azeredo - Carapicuíba  
Marcio Shoji - São Paulo  
Marina Dahmer Bagnati "Bino" - São Paulo  
Marina Gabos - São Luís do Paraitinga  
Maria das Graças Silva - Casa Branca  
Maria Ivoneide Sales Ribeiro - São Paulo  
Mariana Ribeiro - São Paulo  
Marina D'Aquino - São Paulo  
Mário Constantino - São Paulo  
Marisa Frutuoso de Souza - Campinas  
Matheus Santos - São Paulo  
Matheus Henrique Bortolucci - Osasco  
Michael Felipe de Souza Faria - Campinas  
Michele Borges - Carapicuíba  
Nathalie Brito - Itapeva  
Nayara Mendl "Nay" - São Paulo  
Otavio Nagoya "Tato" - São Paulo  
Patrícia Rodrigues Faria - São Paulo  
Pedro Henrique de Faria - Campinas  
Pedro Henrique Reis Pereira - São Paulo  
Pedro Hirata - São Paulo  
Pedro Ravasio Vilela - São Paulo  
Rafael Bento - São Paulo  
Raquel Balbina Teixeira - Campinas  
Ravenna Veiga - São Paulo

Remom Bortolozzi - São Paulo  
Renan Araújo - Campinas  
Renan de Oliveira - Bragança Paulista  
Renan Henrique - São Paulo  
Renata Rodrigues - São Paulo  
Rita de Cássia P. Mendes - São Paulo  
Rodrigo Cruz - São Paulo  
Rodrigo Mendes - São Paulo  
Roberto Vieira da Silva - Santo André  
Rodrigo Gonçalves - Osasco  
Ruan Rossato - São Paulo  
Simone Nascimento - São Paulo  
Sofia Lemos - Jundiaí  
Sonia Pinto - Osasco  
Sueli Chan - São Paulo  
Talita Dantas Reis - Guarulhos  
Tássia Almeida - São Paulo  
Thiago Lira - São Paulo  
Thiago Sales Ribeiro Matos - São Paulo  
Tiago Castro "Nego" - São Paulo  
Ubiratan Kuhlmann "Bira" - São Paulo  
Vanessa Koetz - São Paulo  
Wellington Amorim - São Paulo  
Yuri Lavorato - São Paulo  
Ziza Silva - São José dos Campos  
Victoria Alves - São Paulo  
Vinicius Brandão - São Paulo  
Vinicius Vismar Camara - São Paulo  
Virgínia Junqueira - Santos  
Vitor Lopes Nunes Santos - São Paulo